

# Os projetos paranaenses para o Euro Kursaal e a internacionalização da arquitetura brasileira na década de 1970

*Paraná-based projects for the Euro Kursaal and the internationalization of Brazilian architecture in the 1970s*

Isabella Caroline Januário\*, Renato Leão Rego\*\*, Luis Salvador Petrucci Gnoato\*\*\*, Vinicius Zanuzo Breda\*\*\*\*

\*Universidade Estadual de Maringá, Brasil, isajanu.arq@gmail.com

\*\*Universidade Estadual de Maringá, Brasil, rrego@uem.br

\*\*\*Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil, salvadorgnoato@yahoo.com.br

\*\*\*\*Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil, vinizbb@gmail.com

usjt

arq.urb

número 34 | maio - ago de 2022

Recebido: 03/02/2021

Aceito: 30/06/2022

DOI: [10.37916/arq.urb.vi34.581](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi34.581)



## Palavras-chave:

Curitiba.  
Arquitetura moderna.  
Difusão da arquitetura.

## Keywords:

Curitiba.  
Modern architecture.  
Architectural diffusion.

## Resumo

A recepção e apropriação de ideias internacionais por parte dos arquitetos brasileiros a partir de 1960 têm sido pouco analisadas, diferentemente da produção nacional na primeira metade do século XX. A participação dos arquitetos atuantes em Curitiba — Lubomir Ficinski, Roberto Gandolfi, Luiz Forte Netto, José Maria Gandolfi e Jaime Lerner — no concurso de 1965 para o Complexo Turístico Euro Kursaal em San Sebastián, Espanha, é um caso exemplar e merece reflexão por sua relevância e originalidade. Conquistando o segundo lugar, a premiação resultou em um convite para viajar à Espanha em 1972 e preparar uma nova proposta, quando então houve o desmembramento da equipe inicial e a conseqüente apresentação de dois projetos. As duas propostas finais acabaram bastante distintas da primeira. Considerando a mudança verificada na estratégia projetual das propostas apresentadas e apoiado no método histórico-interpretativo, este trabalho investiga a resposta prática dos arquitetos paranaenses às proposições teóricas arquitetônicas internacionais em circulação. A partir do conceito de 'zonas de contato arquitetônicas', o artigo sugere que os episódios vivenciados por estes arquitetos contribuíram para as soluções projetuais híbridas que levaram a alternativas ao ideário modernista, rumando para uma limiaridade com relação ao pensamento pós-modernista.

## Abstract

The reception and appropriation of international ideas by Brazilian architects from 1960s on have barely been analyzed, differently from the national production from the first half of that century. The participation of Curitiba-based architects — Lubomir Ficinski, Roberto Gandolfi, Luiz Forte Netto, José Maria Gandolfi and Jaime Lerner — in the 1965 design competition for the Euro Kursaal Tourist Complex in San Sebastián, Spain, is an exemplary case and deserves reflection for its relevance and originality. Those professionals, having been awarded second prize, were invited to travel to Spain in order to prepare a new proposal in 1972, when the initial team split and two projects were submitted. The two final submissions ended up quite distinct from the first one. Considering the changes in the design strategy and based upon historical-interpretative method, this paper investigates the practical response of Curitiba-based architects to the international architectural theoretical propositions which they established contact with. By exploring the concept of 'architectural contact zones', the paper suggests, as a result, that the episodes experienced by those architects led to alternatives to the modernist ideal, moving towards the threshold of the postmodernist thought.

## Introdução

Arquitetos visitantes e consultores estrangeiros consolidaram o intercâmbio de ideias entre seus colegas brasileiros na primeira metade do século XX. Trabalhos conjuntos, publicações e congressos também fizeram circular ideias de arquitetura e urbanismo. Especialmente, a disseminação da arquitetura brasileira nos Estados Unidos foi estimulada pela política norte-americana da “boa vizinhança” (LIERNUR, 2010; LARA, 2018). Lúcio Costa e Oscar Niemeyer participaram da Feira Mundial de Nova York em 1939 com o aclamado projeto para o Pavilhão do Brasil e, poucos anos depois, a exposição no MoMA *Brazil Builds* também contribuiu para divulgar a arquitetura brasileira. Em contrapartida, notou-se um processo de americanização do Brasil, por meio de mudanças nos costumes e na vida urbana em geral e, mais especificamente, no urbanismo e na arquitetura (MAYO, 1998; TOTA, 2000; REGO, 2019; FRAZATTO, 2019).

As iniciativas de internacionalização da arquitetura brasileira na segunda metade do século XX foram notadamente marcadas pelo exílio de Oscar Niemeyer e sua atuação no exterior, contando em Israel com o projeto para a Residência Rothschild (1965), em Paris com a Sede do Partido Comunista (1967), na Itália com a Sede Mondadori (1968) e na Argélia com a Universidade Mentouri de Constantina (1969), entre tantos outros encargos internacionais. Na década de 1960, os concursos também foram veículos de promoção e disseminação de projetos de arquitetos brasileiros no exterior, como o projeto para o Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Osaka EXPO 70 em 1969, em um concurso vencido por Paulo Mendes da Rocha, e, logo depois, a sua proposta para o certame do Centro Cultural Georges Pompidou, em 1971. E menos conhecido é o caso do concurso para a sede da Peugeot em Buenos Aires (1962), em que os arquitetos Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Júnior, Sidney de Oliveira, Luiz Forte Netto e José Maria Gandolfi receberam menção honrosa (PACHECO, 2010; SANTOS, 2011; JANUÁRIO, 2018).

Com esta experiência bem-sucedida, Forte Netto, José Maria e Roberto Gandolfi, já estabelecidos em Curitiba, se associaram a Lubomir Ficinski e Jaime Lerner para participar da competição internacional para o projeto do complexo turístico Euro Kursaal em San Sebastián, em 1965. Para esse concurso, a equipe contou com a colaboração dos estudantes de arquitetura do novíssimo curso da Universidade Fe-

deral do Paraná, criado em 1962, Manoel Coelho, Carlos Eduardo Ceneviva, Abrão Assad, José Hermeto Palma Sanchotene, Aldo Matsuda, Oscar Mueller, Sergio Scheinkmann e Vicente de Castro.

Estava formado então o que ficou conhecido como *Grupo do Paraná* (CENIQUEL, 1990), que nos anos seguintes assinou uma série de projetos relevantes em Curitiba e em outras cidades (XAVIER, 1985; DUDEQUE, 2001 e 2010; GNOATO, 1997 e 2002), sempre de modo colaborativo, uma das principais características do grupo (PACHECO, 2004 e 2010). O resultado da competição para o Complexo Turístico Euro Kursaal proporcionou a inserção desses arquitetos no contexto internacional e, com ela, o diálogo com ideias estrangeiras. Visto que os cinco projetistas acabaram sendo convidados para desenvolver uma segunda proposta na própria cidade de San Sebastián. No contexto internacional, a produção arquitetônica da década de 1960 e 1970 foi considerada como transitória e mista; por vezes insistindo na forma pura e racional, típica da arquitetura modernista; outra vez assumindo a retórica da tecnologia; ou investindo na recuperação de símbolos históricos e ícones para comunicar ideias, ao gosto da linguagem pós-modernista (JENCKS, 1981; DREXLER, 1982; SOLÀ-MORALES, 1994; CEJKA, 1995; MONTANER, 2001; COHEN, 2013; FRAMPTON, 2015; GANNON, 2017).

Se nem todas as iniciativas de internacionalização dos arquitetos brasileiros ao longo das duas décadas se valeram das tendências e debates arquitetônicos e urbanísticos contemporâneos – em parte, pelo interesse de alguns arquitetos na afirmação de uma feição nacional nos anos de 1960 e 1970 (BASTOS, 2005) — os projetos de 1972 para o Euro Kursaal desenvolvidos pelos paranaenses registram, na *práxis*, um reflexo das discussões teóricas em circulação no cenário internacional. Contudo, qual teria sido o acesso destes arquitetos a estas informações? Arquitetos da prática, estes profissionais não deixaram manifestação teórica quanto à crítica e à revisão de preceitos modernistas. Ainda assim, ao longo da década de 1970, percebe-se uma produção menos ortodoxa com o ideário modernista por parte desses profissionais, como a expressão gráfica proposta em um formato menos genérico, e assim, mais comunicativa e identitária (JANUÁRIO, 2018, p.115); a priorização do entorno físico e do meio social no processo de projeto (REGO, JANUÁRIO e AVANCI, 2020); além da inclusão no desenvolvimento do urbanismo local, de pautas como o resgate de valores históricos por meio de ícones

emblemáticos da cidade, a valorização do meio ambiente natural, e a priorização do pedestre no redesenho do centro tradicional (VIANNA, 2017).

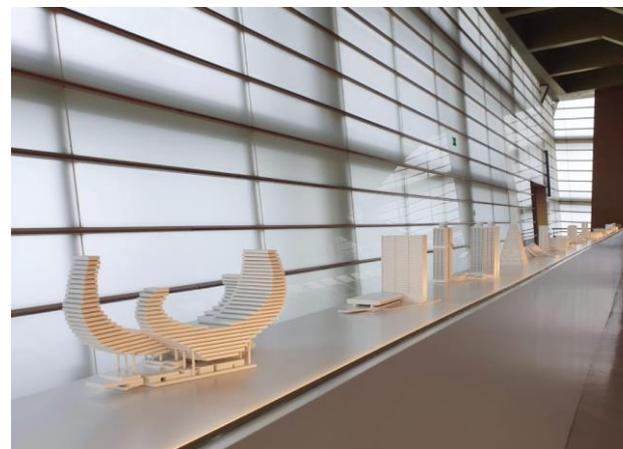
À luz das pranchas originais enviados para o certame de 1965 e do material enviado para o Euro Kursaal em 1972, este artigo analisa o efeito da internacionalização da arquitetura paranaense e como a repercussão teórica das críticas à arquitetura modernista acabaram sendo incorporadas nos projetos. Ao recuperar dados do passado para serem analisados e interpretados no presente, a estratégia metodológica apropriada foi a histórica-interpretativa (GROAT; WANG, 2013). Nesse sentido, os projetos são a própria evidência da incorporação de novas ideias. Uma das táticas para reconhecer as evidências foi a investigação arqueológica e recriação estética (PANOFSKY, 1976), a partir do redesenho dos projetos supracitados e do mapeamento dos contatos estabelecidos por esses profissionais no intervalo entre as propostas. Desse modo, argumenta-se que a mudança na estratégia projetual dos arquitetos paranaenses foi oportunizada pela repercussão dos ‘encontros’ com novas ideias em circulação e de novas posturas assumidas por estes profissionais, indicando a ampliação do repertório arquitetônico e urbanístico na década de 1970.

A primeira parte deste artigo discute, a partir do conceito de ‘zonas de contatos arquitetônicas’, os concursos, as viagens e congressos internacionais, entre 1965 e 1972, que contaram com a participação de arquitetos do Grupo Paraná. A segunda, apresenta as propostas para o Euro Kursaal como exemplares do processo de revisão e reavaliação de projeto, após experimentarem atividades profissionais em rede, mais global. A terceira parte rastreia prováveis fontes de ideias inovadoras e revela, na *práxis* projetual do grupo paranaense, a abertura para discussões teóricas em circulação no cenário internacional, promovendo soluções híbridas de projeto que levaram a alternativas ao ideário modernista, rumando para uma limiaridade com relação ao pensamento pós-modernista.

### Trabalhos colaborativos, concursos, viagens e congressos

Tom Avermaete e Cathelijne Nuijsink (2021) apresentaram o conceito de “zonas de contatos arquitetônicas”, com o objetivo de estabelecer bases metodológicas para uma historiografia da arquitetura moderna mais inclusiva, considerando os diversos atores que participam do processo de projeto. Segundo os autores, o conceito serve para revisar a produção arquitetônica e urbanística após Segunda Guerra Mundial, quando se intensificou o processo de globalização, com o maior fluxo de pessoas,

bens, e conseqüentemente, de ideias. Os concursos de projeto, os trabalhos colaborativos, as exposições, os congressos, as bienais e os cursos de verão, são considerados como locais de intensas trocas de informações, onde ideias arquitetônicas e urbanísticas são negociadas, seletivamente emprestadas, parcialmente adaptadas ou rejeitadas (AVERMAETE; NUIJSINK, 2021, p. 5).



**Figura 1.** Maquetes físicas das propostas apresentadas no concurso do Euro Kursaal: em primeiro plano o projeto premiado em 1º lugar (1965) de Lubicz-Nycz e equipe; e em segundo plano o projeto premiado em 2º lugar (1965) de Ficinski, dos irmãos Gandolfi, Forte Netto e Lerner. Disponível em: <https://www.kursaal.eus/en/2019/10/la-exposicion-solar-k-repasa-las-decenas-de-proyectos-que-se-presentaron-para-el-lugar-donde-hoy-se-ubica-el-kursaal-2/>. Acesso em: 09 jul. 2021.

Nessa perspectiva, é de se considerar que o concurso internacional para o Complexo Turístico do Euro Kursaal, de 1965, promoveu “zonas de contatos arquitetônicas” para os arquitetos atuantes em Curitiba. A competição oportunizou uma das primeiras experiências de trabalho colaborativo do grupo, reunindo arquitetos que já tinham seus escritórios na cidade, como o Forte Netto e Gandolfi, Lubomir Ficinski e Jaime Lerner — com a colaboração de seus respectivos estagiários. Além disso, ao conquistar este prêmio de segundo lugar *ex-aequo* em San Sebastián, e buscá-lo no mesmo ano, a equipe paranaense teve contato com as demais propostas enviadas ao concurso, e conseqüentemente, com as diferentes culturas arquitetônicas que apresentaram respostas distintas para um problema de projeto comum a todos.

À exemplo do projeto vencedor do concurso apresentado pela equipe de Jan Lubicz Nicz – arquiteto polonês sediado nos Estados Unidos desde 1959 – em parceria com Carlo Pellicia e William Zuk (GUENZI, 1965). A proposta buscou acomodar o programa habitacional e de escritório em dois blocos escalonados no formato de U e que se compunham formalmente através de estruturas modulares (Figura 1).

Após o Euro Kursaal, os arquitetos paranaenses continuaram com a iniciativa de aumentar as fronteiras de suas atuações locais por meio dos concursos e encomendas de projeto. Entre 1966 e 1972, eles se classificaram em 22 competições (PACHECO, 2004 e 2010). Estes arquitetos receberam o prêmio de primeiro lugar nos certames para: o Teatro Municipal de Campinas (1966), conquistado por Roberto Gandolfi e Lubomir Ficinski; o Departamento Federal de Segurança Pública do Distrito Federal (1967), de Jaime Lerner, Domingos Bongestabs e Marcos Prado; o Mercado Público no Rio Grande do Sul (1967), proposto por Forte Netto, os irmãos Gandolfi, Vicente de Castro, José Sanchotene, Oscar Mueller e Abrão Assad; a Sede da Petrobrás (1968), apresentado por Roberto Gandolfi, Abrão Assad, José Sanchotene, Forte Netto, José Maria Gandolfi e Vicente de Castro; o Hotel em Juazeiro (1969) e Estádio Pinheirão em Curitiba (1970), de José Sanchotene, Oscar Mueller e Alfred Willer; e o Banco do Brasil em Caxias do Sul (1971), proposto pelo escritório Forte Netto e Gandolfi. Além de serem premiados em terceiro lugar no concurso para a Biblioteca Pública de Salvador (1968), proposto por Roberto Gandolfi, Abrão Assad e José Sanchotene; e no concurso para o Pavilhão em Osaka (1969) de José Sanchotene, Oscar Mueller e Alfred Willer. E ainda Jaime Lerner, Abrão Assad, Luiz Forte Netto, Roberto Gandolfi, e José Sanchotene foram convidados pelo governo militar em 1969 para desenvolver um complexo turístico entre Brasil, Paraguai e Argentina, conhecido como Ponte do Encontro (SILVA, 2018, p. 155; REGO, JANUÁRIO E AVANCI, 2020).

Concomitantemente à participação nos concursos, parte desses arquitetos também atuaram no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Entre eles estavam Carlos Ceneviva, Abrão Assad, José Sanchotene, Manoel Coelho, Domingos Bongestabs, Roberto Gandolfi, para além dos presidentes do instituto: Luiz Forte Netto (1967-1968); Jaime Lerner (1968-1969); e Lubomir Ficinski (1971-1972; 1975-1979). O IPPUC foi criado como uma autarquia para implementar, a partir do trabalho dessa equipe local, o Plano Preliminar elaborado por Jorge

Wilheim em 1965. Embora as transformações urbanas em Curitiba tenham começado a ser colocadas em prática efetivamente em 1971, com a nomeação de Lerner como prefeito da cidade (DUDEQUE, 2010; VIANNA, 2017; POUGY, 2021), o Instituto foi, entre 1965 e 1971, mais uma oportunidade de encontro desses profissionais para se discutir e desenhar a cidade (POUGY, 2021).

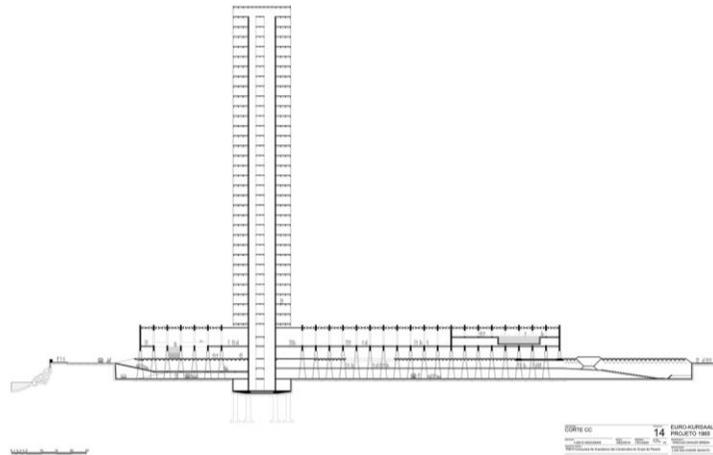
Trabalhos em equipe à parte, viagens, congressos e cursos também constituíram zonas de contatos para os arquitetos do Grupo Paraná. A presença de Jorge Wilheim em Curitiba contribuiu para fomentar a participação destes profissionais no congresso da União Internacional dos Arquitetos (UIA) em Praga (1967), cujo tema foi “o arquiteto e o meio ambiente”. Wilheim foi o representante do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-São Paulo) na Comissão de Urbanismo do UIA, entre 1962 e 1967 (DEDECCA, 2019), e ainda organizou uma das reuniões do UIA em Curitiba no ano de 1972, discutindo temas como “lazer urbano” (DUDEQUE, 2010, p. 242). Em 1967, parte dos arquitetos paranaenses que estiveram no encontro da UIA em Praga, também visitaram a Expo Montreal, onde foram construídos os pavilhões megaestruturais de Buckminster Fuller para a Biosfera e de Moshe Safdie para o Habitat 67 (cf. BANHAM, 1976).

Deve ser incluída nas zonas de contatos arquitetônicas a participação dos docentes da UFPR como Marcos Prado, Jaime Lerner, Lubomir Ficinski, Luiz Forte Netto e Roberto Gandolfi, no curso de arquitetura e urbanismo da Universidade de Brasília, em outubro de 1968, no chamado semestre de emergência — quando os professores da UNB declararam greve em função da repressão do governo militar (PEREIRA, 1970, p. 45). Em Brasília, eles lecionaram na disciplina de Composição e integraram um grupo maior de docentes formado pelos arquitetos Miguel Pereira (UFRGS), Paulo Mendes da Rocha (FAU-USP), Paulo de Mello Bastos (IAB-SP), Silvo de Vasconcelos (UFMG). Por fim, tem de ser considerada a própria viagem dos cinco arquitetos principais da equipe do concurso do Euro Kursaal para San Sebastián, a convite da organização do certame, para o desenvolvimento de uma segunda proposta, após a constatação da inviabilidade do projeto premiado em primeiro lugar.

## Projetos para o Complexo Turístico do Euro Kursaal (1965 e 1972)

Sobre o concurso internacional para o Complexo Turístico Euro Kursaal na cidade de San Sebastián (Donostia), capital da província de Guipúscoa — região do País Basco, na Espanha — sabe-se que ele previa um conjunto que abrigaria um hotel de luxo, restaurante, galeria comercial, piscina coberta e pista de patinação, como resposta ao potencial de uma das cidades mais atrativas da região, devido ao seu caráter industrial e turístico (GUENZI, 1965, p. 62). O terreno destinado ao projeto estava localizado junto à foz do rio Urumea, no centro histórico da cidade, o qual abrigava um antigo cassino em desuso (JANUÁRIO, GNOATO e REGO, 2021).

O projeto proposto pela equipe paranaense em 1965 foi configurado a partir da contraposição formal de dois volumes. Visto que o programa demandava um componente privado e outro de socialização, eles apresentaram um bloco horizontal destinado ao uso comum público, contendo hall, recepção das habitações, restaurante, bar e piscina; e, em contraposição, um volume vertical, separado em duas torres de 33 pavimentos, uma destinada ao setor hoteleiro e residencial, e a outra, às salas comerciais (Figura 2).



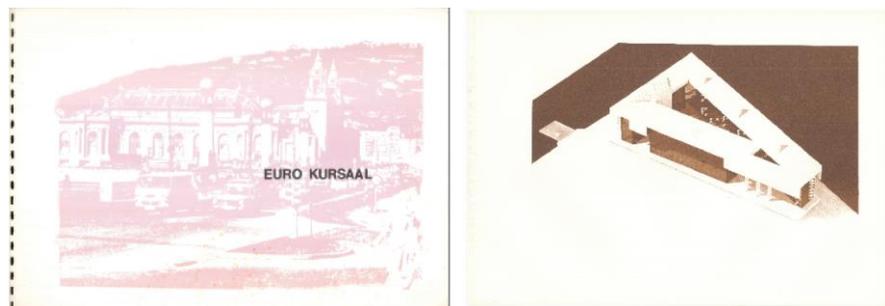
**Figura 2.** Projeto premiado em 2º lugar (1965) no concurso do Euro Kursaal proposto por Ficinski, irmãos Gandolfi, Forte Netto e Lerner: redesenho do corte longitudinal. Fonte: Acervo dos Autores.

O pavimento térreo foi desenvolvido como uma praça coberta com vista para o mar em dois níveis. O térreo elevado, na cota +1,50m a partir da *Avenida Generalíssimo*, possibilitava o acesso do pedestre para a parte habitacional, restaurante, bar e para a área pública, que ainda acomodava guichês de informações turísticas e pista de patinação. O térreo inferior, na cota -1,70m, direcionava o público para uma espécie de “rua” interna, com galerias comerciais e auditório/cinema. Este embasamento foi implantado no sentido longitudinal do terreno, e foi estruturalmente apoiado em 27 pórticos em concreto armado, com vão livre de 27 metros. As vigas dos pórticos ainda avançam mais de 10 metros em balanço sobre a calçada da *Avenida Generalíssimo*. Diferentemente da proposta premiada em primeiro lugar, os jurados destacaram na ata final do concurso que o arrojado da estrutura em concreto aparente desenhada pelos arquitetos paranaenses “pareceu bastante factível estruturalmente” (GUENZI, 1965, p.69, tradução dos autores).

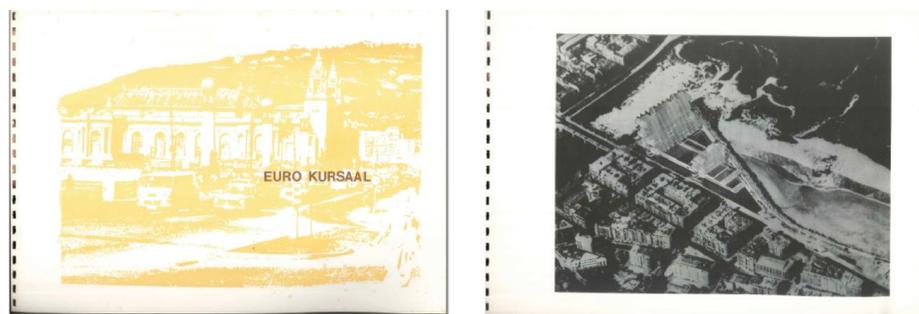
Por certo, a pragmática setorização do programa social no volume horizontal, em contraposição ao bloco vertical de habitação e escritórios, se aproximou dos precedentes projetuais bastante conhecidos da arquitetura modernista, à exemplo do esquema de composição que associava torre com a barra retilínea sobre pilotis (URBAN, 2012). Em Brasília, que acabara de ser inaugurada (1960), Oscar Niemeyer fez uso dessa solução para edifícios governamentais, estabelecendo também a contraposição de volumes em formatos distintos, como no caso do Congresso Nacional (MAHFUZ, 2001). Igualmente, na proposta dos arquitetos paranaenses em 1965, se reconhece a experimentação estrutural em concreto aparente no desenho dos pilares, uma prática recorrente na cultura arquitetônica paulista das décadas de 1950 e 1960, e que fez parte de suas formações acadêmicas e profissionais (GNOATO, 2004; SANTOS, 2011). Portanto, para o outro lado do atlântico, os arquitetos paranaenses mesclaram soluções projetuais representativas da arquitetura contemporânea desenvolvida no Brasil naquela década de 1960: formulações genéricas com vigor plástico na ossatura em concreto armado.

Em 1972, com a nova rodada para a escolha do projeto, a equipe do Paraná enviou duas propostas para San Sebastián, uma delas apresentada em caderno de capa rosa, chamado de “projeto A”, e a outra apresentada em um caderno de capa amarela, chamado de “projeto B” — ambas assinadas por Jaime Lerner, Roberto e José Maria Gandolfi, Luiz Forte Netto e Lubomir Ficinski (Figuras 3 e 4). Aparentemente,

o “projeto A” foi liderado pelo escritório de Forte Netto e José Maria Gandolfi, enquanto o “projeto B” foi coordenado por Lubomir Ficinski e Roberto Gandolfi (PACHCO, 2010, p. 322).



**Figura 3.** Material de apresentação do projeto para o Euro Kursaal de 1972: caderno rosa (“projeto A”). Fonte: Acervo de Lubomir Ficinski, organizado pelos autores.

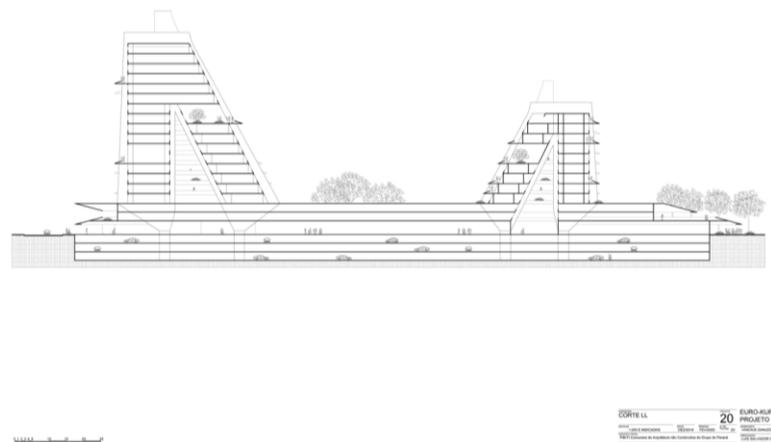


**Figura 4.** Material de apresentação do projeto para o Euro Kursaal de 1972: caderno amarelo (“projeto B”). Fonte: Acervo de Lubomir Ficinski, organizado pelos autores.

Os dois projetos buscaram superar a implantação genérica daquela proposta desenvolvida em 1965. O “projeto A” inovou ao buscar uma certa continuidade com o tecido urbano e interpretar as quadras fechadas espanholas com pátios internos, alinhando a altura do complexo com os edifícios do entorno. No caso do “projeto B”, as particularidades do terreno foram absorvidas nas inclinações de uma das faces

das torres, pois parecem fazer referência aos ângulos do lote destinado ao projeto, sinalizando tanto para a singularidade do lugar quanto para a originalidade da nova proposta pensada para aquela área específica.

Os blocos escalonados e separados um do outro na implantação do “projeto B” contribuiriam para se ganhar mais faces voltadas para o mar, morros e paisagem urbana. A representação gráfica escolhida pelos arquitetos nessa proposta, a partir da foto montagem da maquete em acrílico com o entorno de San Sebastián, evidencia a preocupação dos arquitetos com a relação entre o projeto e o seu entorno físico. Além disso, ainda no “projeto B”, o espaçamento entre os dois prédios possibilitou a criação de uma praça interna descoberta, também como resposta à leitura morfológica do tradicional tecido urbano do lugar.



**Figura 5.** Projeto refeito para o Euro Kursaal (1972, “projeto B”): redesenho do corte longitudinal. Fonte: Acervo dos Autores.

Há diferenças significativas na maneira de acomodar as atividades entre o “projeto A” e “B” enviados em 1972, e conseqüentemente, no seu resultado formal. No “projeto A”, os distintos programas foram inseridos em um monobloco compacto, com algumas subtrações para a demarcação dos acessos e para a criação do pátio

central. Por outro lado, o “projeto B” dividiu o programa habitacional e de escritórios em dois volumes de tamanhos distintos que repousam sobre o embasamento: o maior destinado aos escritórios, com 18 pavimentos, e o menor voltado para o programa habitacional, com nove pavimentos (Figura 5). O menor deles acompanharia a altura dos edifícios do entorno, e o maior cumpriria a função de destaque na região turística, qualidade almejada desde o concurso de 1965. No “projeto B”, as estruturas em pórticos de concretos expostos migraram do embasamento para a torre, no formato de V invertido, acompanhando a solução formal do edifício.

Uma leitura mais atenta do entorno foi facilitada pela presença da equipe paranaense em San Sebastián após a etapa de 1965. Trata-se, por exemplo da referência explícita ao contexto urbano histórico na implantação no caso do “projeto A” e, menos clara, mas latente, no caso do “projeto B”. Do mesmo modo, percebe-se o quão significativo foi a premiação em primeiro lugar em 1965 da proposta da equipe Jan Lubicz Nicz e sua megaestrutura urbana, que tratou o programa em dois blocos, com uma forma menos estática, e que efetivamente propunha ser uma referência para a área turística. No caso do “projeto A”, essa lógica do edifício em altura foi rejeitada, não somente pela intenção de continuidade com o contexto urbano, mas também pela insistência do projeto como uma “caixa portante” capaz de abrigar todo o programa, se aproximando (ainda) da arquitetura da escola paulista brutalista (ZEIN, 2005; ZEIN, 2014; COTRIM CUNHA, 2017). Em contrapartida, a ideia do edifício em altura como marco e identidade foi seletivamente emprestada pela equipe no caso do “projeto B” para um dos blocos. Logo, nesta última proposta os arquitetos negociaram a continuação com a escala habitacional existente na cidade de San Sebastián e a intenção de monumentalidade e marco na paisagem.

Ainda sobre o “projeto B”, nota-se com mais clareza a aceitação por parte dos paranaenses da dinamicidade e flexibilidade da forma pura e modernista. Na realidade, trata-se da compreensão de que os programas arquitetônicos que se diferem podem assumir formas distintas para acomodar as suas atividades. É, portanto, o entendimento, ainda incipiente, de uma arquitetura que pode surgir a partir de uma forma própria, e que ela pode ser moldada e adaptada para cada ação humana – se libertando do desenho monótono e universal. O “projeto B” associa a dinamicidade da forma proposta às estruturas em concreto armado replicáveis, pois ela atenderia à torre habitacional e à torre comercial seguindo o mesmo desenho, mas

variando em suas dimensões – evidenciando as relações distintas que cada parte do projeto estabelece com a cidade.

### Referências multidirecionais e as ideias híbridas no Euro Kursaal (1972)

Através das relações estabelecidas do projeto arquitetônico com o entorno físico e com a interpretação do programa, é possível perceber as mudanças nas estratégias projetuais para o Complexo Turístico do Euro Kursaal em San Sebastián desenvolvidas pelos arquitetos do Paraná entre 1965 e 1972. Estes dois temas estavam sendo discutidos naquele contexto de revisão e crítica ao ideário modernista a partir de 1960.

A preocupação com o entorno físico (urbano e natural) estava na base das abordagens pós-modernas de seus primeiros protagonistas (FORTY, 2000; KOMEZ-DAGLIOGLU, 2015). Kevin Lynch em *A imagem da cidade* (1960), Jane Jacobs em *Morte e vida das grandes cidades americanas* (1961), Christian Norberg-Schulz em *Intentions in Architecture* (1965), Aldo Rossi em *A arquitetura da cidade* (1966), Robert Venturi em *Complexidade e Contradição em Arquitetura* (1966), e Ian McHarg em *Projetar com a natureza* (1969) romperam com o ideário modernista de racionalização e padronização e se comprometeram com o mundo real, não idealizado, através do diálogo com o contexto, de conceitos como tipo, memória, lugar, e de um pensamento mais ecológico no planejamento da ocupação do território.

A formalização das atividades a partir de suas especificidades programáticas e condicionantes territoriais havia sido uma das causas defendidas pelos arquitetos do grupo *Team 10* na Europa em meados da década de 1950 e ao longo dos anos de 1960 (HERTZBERGER, 1991; AVERMAETE, 2005; DOMINGO-CALABUING, CASTELLANOS-GÓMEZ E RAMOS, 2013, 2013). A atuação deste grupo foi seminal para a extinção dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (BARRONE, 2002). Uma das críticas elaboradas por eles incidiu na forma genérica e abstrata do pensamento modernista que não correspondia às particularidades das necessidades dos usuários, tampouco se preocupava com as questões simbólicas-culturais e identitárias no projeto.

Parte destes autores supracitados foram incorporados no acervo da Biblioteca do Centro Politécnico da UFPR, entre 1960 e 1978, e se somaram a outros livros ‘clássicos’ sobre metodologia de projeto e teoria da arquitetura disponíveis para os

professores e alunos. Entre eles: *El brutalismo en arquitectura* (1966) e *Teoría y diseño arquitectónico en la era de la máquina* (1960) de Reyner Baham; *Diseño arquitectónico: arquitectura y ciencias humanas* (1976) e *Metodología del diseño arquitectónico* (1973) de Geoffrey Broadbent; *Intentions in Architecture* (1966) de Norberg-Schulz; *Arquitectura Contemporanea* (1976), *De La vanguardia a La metropoli* (1972), e *Teorias e História de Arquitectura* (1979) de Manfredo Tafuri; *De que tiempo es este lugar?: para una nueva definición del ambiente* (1972) e *L'image de la cité* (1976) de Kevin Lynch; *Complexity and Contradiction in Architecture* (1977) de Robert Venturi; *A Arquitectura da Cidade* (1977), de Aldo Rossi; *The death and life of great american cities* (1960) de Jane Jacobs; *Nuevos caminos de la arquitectura italiana* (1969) e *El territorio de la arquitectura* (1972) de Vittorio Gregotti; *Dimensiones de la arquitectura; espacio forma y escala* (1976) de Charles Moore; *Notes on the synthesis of form* (1964); *Urbanismo y Participación* (1976) e *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction* (1977); *Arquitectura y Urbanismo del Turismo de Masas* (1973) de George Candilis; *Pour l'architecture scientifique* (1971), *Une utopie réalisée* (1975) e *L'architecture de survie: Une philosophie de la pauvreté* (1978) de Yona Friedman. As revistas especializadas presentes no acervo da biblioteca universitária também informam o conteúdo disponível para pesquisa, entre elas: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, desde 1951 (370 fascículos); *Architecture Design*, desde 1978 (205 fascículos); *Domus*, desde 1954 (465 fascículos); *Casabella*, desde 1958 (251 fascículos); *Progressive Architecture*, desde 1950 (405 fascículos); *Abitare*, desde 1970; *The Architectural Forum*, desde 1973 (158 fascículos); *Architectural Record*, desde 1945 (772 fascículos).

Embora não se tenha as evidências concretas da leitura específica destes textos pelos projetistas paranaense do Complexo Turístico para o Euro Kursaal, tacitamente este debate teórico e crítico foi incorporado nas duas últimas propostas. Pois, direta ou indiretamente, os arquitetos sofrem o peso das críticas arquitetônicas formuladas em um campo teórico e reflexivo, e que retornam para a *práxis*, gerando novos conceitos (WAISMAN, 2013). Este parece ter sido o caso dos arquitetos paranaenses ao colocarem em prática as referências teóricas multidirecionais, incorporadas em zonas de contatos arquitetônicas criadas entre 1965 e 1972, e que acabaram por promover ideias híbridas de projeto.

Nos casos dos projetos “A” e “B” de 1972, as soluções projetuais demonstram de maneira distinta a valorização do entorno físico (natural e histórico) discutida tanto nos congressos internacionais do final dos anos de 1960 quanto nas propostas desenvolvidos no IPPUC no início daquela década, mas que foi melhor compreendida com a visita dos projetistas ao terreno em San Sebastián. No “projeto A”, pela recuperação da tipologia das quadras fechadas, e no “projeto B”, ao fazer menções as inclinações do terreno e criar perspectivas para se visualizar a vizinhança.

Da mesma forma, os dois projetos evidenciam tanto o vínculo com a arquitetura moderna brasileira — próprio da formação destes arquitetos — quanto a abertura para outras relações formais que melhor respondiam a este complexo turístico na cidade tradicional europeia. Dado que o “projeto A”, ainda com uma certa insistência no monobloco que agrupa e concentra todo o programa, buscou, ao mesmo tempo, se adequar a escala local. E no projeto “B”, pois se nota o uso de estruturas em concreto aparente, contudo, mais flexíveis tanto para a acomodação de programas distintos quanto para estabelecer relações simbólicas de marco na paisagem — próximo daquela solução premiada em primeiro lugar neste certame. Portanto, mesclando soluções estruturais em concreto aparente e replicáveis, hegemônicas na arquitetura moderna brasileira, com a revisão crítica às pretensões idealistas da arquitetura modernista, na busca por corrigir o rechaço às particularidades do contexto físico e do programa.

É verdade que pesquisas precedentes já reconheceram uma arquitetura mais híbrida, proposta por parte desses arquitetos brasileiros na década de 1970, especialmente por associar o gosto pela curva da arquitetura carioca dos anos de 1940, com a geometrização dos espaços da escola paulista das décadas seguintes (BASTOS; ZEIN, 2015, p. 142). Mas é igualmente verdade que as ideias híbridas no processo de projeto também surgem a partir do diálogo com soluções em debate no cenário global, e do trabalho colaborativo entre os arquitetos com diferentes vivências em culturas arquitetônicas, e, portanto, com pontos de vistas diversos sobre os mesmos problemas de projeto (AVERMAETE; NUIJSINK, 2021). Como resultado, amplia-se um determinado repertório projetual. E neste período, enquanto o Brasil

vivenciava uma posição insular, por conta do regime militar, e particularmente na produção arquitetônica e urbanística — o que reforçava a hegemonia da arquitetura brutalista (SEGAWA, 1993; BASTOS, 2007; REGO, 2020) —, nos bastidores dos projetos de 1972 para o Euro Kursaal pode-se notar um alinhamento dos arquitetos paranaenses com parte do debate crítico instaurado no contexto internacional, e a antecipação das pautas fundamentais para a pensamento pós-modernista na arquitetura e no urbanismo, ainda que associadas com as soluções hegemônicas da arquitetura brasileira.

### Conclusão

A revisão projetual entre 1965 e 1972 para o Complexo Turístico do Euro Kursaal, elaborado pelos arquitetos paranaenses, demonstra a incorporação da apropriação do entorno físico no desenvolvimento do projeto e a consideração do ‘lugar’ como premissa do projeto. Do mesmo modo, sugere um distanciamento da forma genérica e abstrata para a acomodação do programa. Neste caso, considera-se a competição espanhola como uma “zona de contato arquitetônica” importante para este grupo — um fenômeno intrinsecamente relacionado a processos de troca global entre pessoas, imagens, textos e conhecimentos e que fomentou a internacionalização da arquitetura brasileira na década de 1970.

Pode-se dizer que a partir das zonas de contato arquitetônicas estabelecidas pelos projetistas paranaenses, na esfera local e internacional, foi possível constituir uma conexão com o debate crítico sobre a arquitetura modernista, motivando as revisões entre os projetos enviados. Dessa maneira, o mérito deste artigo foi reconhecer, a partir do projeto arquitetônico, o efeito das ideias em circulação global. Pois, embora estes projetistas nunca tenham elaborado uma construção teórica sobre a revisão e crítica ao ideário modernista, as respostas apresentadas na segunda versão dos projetos de 1972 já estavam incorporando tais ideias. Assim, estas duas últimas propostas não corresponderam mais dogmaticamente às premissas precedentes: questionaram as pautas conhecidas da arquitetura modernista e rumaram, nos anos 1970, para as “limiaridades” do pensamento modernista.

Além da revisão de um determinado modo de fazer projeto, percebe-se que

as propostas de 1972, a partir dessa internacionalização e do trabalho em equipe, também passaram a ser compostas por ideias de origem global, híbridas, e sem necessariamente um único ponto de origem. Portanto, os vetores multidirecionais na troca de conhecimento dos arquitetos atuantes em Curitiba a partir do concurso para o Euro Kursaal, desde 1965, ajudam a compreender a complexa circulação de ideias na cultura arquitetônica brasileira após 1960. Pesquisas futuras devem analisar os desdobramentos da atuação dos arquitetos do Euro Kursaal ao longo da década de 1970, em concursos ou encargos de projeto, quando se manteve ainda o método de trabalho em equipe.

### Referências

AVERMAETE, Tom. **Another modern**: the post-war architecture and urbanism of Candilis-Josic-Woods. Rotterdam: NAI Publishers, 2005.

AVERMAETE, Tom; NUIJSINK, Cathelijne. Architectural contact zones: another way to write global histories of the post-war period?, **Architectural Theory Review**, jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13264826.2021.1939745>. Acesso em: 22 dez. 2021.

BANHAM, Reyner. **Megastructure**: Urban futures of the recent past. Londres: Thames and Hudson, 1976.

BARRONE, Ana Cláudia Castilho. **Team 10**: arquitetura como crítica. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. A afirmação de uma feição nacional e outros caminhos. In: Anais do 6º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, nov. 2005, Niterói. Disponível em: <https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/MARIA-ALICE-J-BASTOS.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2021.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós Brasília**: rumos da arquitetura brasileira, discurso, prática e pensamento. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil**: arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CEJKA, Jan. **Tendencias de la arquitectura contemporánea**. México: Gustavo Gili, 1995.

CENIQUEL, Mario. **A prática arquitetônica como forma de elaboração de uma crítica arquitetônica**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

COHEN, Jean Louis. **O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

COTRIM CUNHA, Marcio. **Vilanova Artigas: casas paulistas**. São Paulo: Romano Guerra, 2017.

DEDECA, Paula Gorenstein. Operações transnacionais: Jorge Wilhelm na Comissão de Urbanismo da UIA (1963-1967). In: IV Seminário Urbanistas e Urbanismo no Brasil, **Anais [...]**, p. 179-192, set. 2019. Belo Horizonte.

DOMINGO-CALABUING, Débora; CASTELLANOS-GÓMEZ, Raúl; RAMOS, Ana Ábalos. The strategies of Mat-building. **Architectural Review**, nº 398, p. 83-91, ago. 2013.

DREXLER, Arthur. **Transformaciones en la arquitectura moderna**. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.

DUDEQUE, Irã Taborda. **Espirais de Madeira, uma história da arquitetura de Curitiba**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 2001.

DUDEQUE, Irã Taborda. **Nenhum dia sem nenhuma linha: uma história do urbanismo em Curitiba**. São Paulo: Studio Nobel, 2010.

FORTY, Adrian. **Words and Buildings**. A vocabulary of Modern Architecture. Londres: Thames & Hudson, 2000.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FRAZATTO, Bruno Castilho. **Modernização e status social: os projetos dos Country Clubs de Maringá e de Umuarama, de Ícaro de Castro Mello**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Associado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina e Maringá, Maringá, 2019.

GANNON, Todd. **Reyner Banham and the paradoxes of high tech**. Los Angeles: Getty Publication, 2017.

GNOATO, Luis Salvador Petrucci. **Introdução do ideário modernista na arquitetura de Curitiba (1930-1965)**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

GNOATO, Luis Salvador Petrucci. **Arquitetura de Curitiba, transformações do Movimento Moderno**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GNOATO, Luis Salvador Petrucci. Arquitetura de Luiz Forte Netto: transformações da poética paulista. **Arquitextos**, São Paulo, ano 04, n. 047.02, Vitruvius, abr. 2004 <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.047/592>. Acesso em: 10 nov. 2019.

GROAT, Linda; WANG, David. **Architectural Research Methods**. New Jersey: Wiley, 2013.

GUENZI, C. Concorso per L'Euro Kursaal. **Casabella**, Milão, v.39, nº299. nov, 1965. pp. 62-81.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JANUÁRIO, Isabella Caroline. **A arquitetura de Joel Ramalho Júnior, Leonardo Oba e Guilherme Zamoner nos anos de 1970: concursos nacionais, respostas curitibanas**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Associado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina e Maringá, Maringá, 2018.

JANUÁRIO, Isabella Caroline; GNOATO, Luis Salvador Petrucci; REGO, Renato Leão. Interações transatlânticas: a participação de arquitetos do Grupo do Paraná nos concursos do Euro Kursaal (1965-1972). In: Anais do VI ENANPARQ, out. 2021, Brasília. Disponível em: [http://enanparq2020.com.br/wp-content/uploads/2021/03/VI-ENANPARQ\\_ANAIS-EIXO\\_5\\_24MAR21.pdf](http://enanparq2020.com.br/wp-content/uploads/2021/03/VI-ENANPARQ_ANAIS-EIXO_5_24MAR21.pdf). Acesso em: 22 dez. 2021.

JENCKS, Charles. **El Lenguaje de la Arquitectura Posmoderna**. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

KOMEZ-DAGLIOGLU, Esin. The Context Debate: An Archaeology. **Architectural Theory Review**, v. 20, n. 2, p. 266–279, fev, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13264826.2016.1170058>. Acesso em 25 jan. 2020.

LARA, Fernando Luiz. Americanização ou brasilianização? Trocas arquitetônicas entre o Brasil e os EUA 1939-1964. In: LARA, Fernando Luiz. **Excepcionalidade do modernismo brasileiro**. São Paulo: Romano Guerra, 2018, p. 140-159.

LIERNUR, Jorge Francisco. The south American way: o milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda Guerra Mundial (1939-1943). In: GUERRA, Abilio (Org.). **Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira – parte 2**. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p. 167-217.

MAHFUZ, Edson. **O clássico, o poético e o erótico e outros ensaios**. Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis. v. 4. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2001.

MAYO, James. M. The American country club: an evolving elite landscape. **Journal of Architectural and Planning Research**, v. 15, n. 1, p. 24-44, 1998. <http://www.jstor.org/stable/43030441>. Acesso em: 22 dez. 2021.

MONTANER, José Maria. **Depois do Movimento Moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. São Paulo: Gustavo Gili, 2001.

PACHECO, Paulo Cesar Braga. **O Risco do Paraná e os Concursos Nacionais de Arquitetura 1962-1981**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

PACHECO, Paulo Cesar Braga. **A Arquitetura do Grupo Paraná**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PANOFKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PEREIRA, Miguel Alves. Ensino de Arte e Arquitetura. **Acropole**, São Paulo, ano 31, n. 369, p. 45-46, fev. 1970. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/369>. Acesso em: 22 dez. 2021.

POUGY, Geraldo. **Urbanismo Essencial**. Curitiba: Insight, 2021.

REGO, Renato Leão. A americanização das cidades brasileiras: novas formas

urbanas e a ideia de unidade de vizinhança. **Pós**, Revista do Programa Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. FAUUSP. São Paulo, v. 26, n. 48, set, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.posfau.2019.148753>. Acesso em: 22 dez. 2021.

REGO, Renato Leão. Arquitetura e urbanismo na transamazônica: entre o real, o imaginário e o utópico. **Nova Revista Amazônica**, v. 8, n. 1, p. 45-60, abril, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/nra.v8i1.8620>. Acesso em 25 jan. 2020.

REGO, Renato Leão; JANUÁRIO, Isabella Caroline; AVANCI, Renan. Lerner, Friedman e Candilis-Josic-Woods: transatlantic ideas and design affinities. **Cadernos PROARQ**, n. 35, p. 28-45, dez, 2020. Disponível em: [http://cadernos.pro-arq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq35\\_3\\_Lerner.pdf](http://cadernos.pro-arq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq35_3_Lerner.pdf). Acesso em: 28 dez. 2020.

SANTOS, Michelle Schneider. **A arquitetura do escritório Forte Gandolfi 1962-1973**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

SEGAWA, Hugo. A pesada herança: dilema da arquitetura brasileira. **Projeto**, São Paulo, nº 168, p. 85-87, out. 1993.

SILVA, Pedro Sunye Barbosa da. **Jaime Lerner Arquiteto: 1962-1971**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SOLÁ-MORALES, Ignasi. High Tech: Funcionalismo o Retórica? **Revista del Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid (COAM)**, nº 300, p. 33-38, 1994.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

URBAN, Florian. **Tower and slab: histories of global mass housing**. Abingdon: Routledge, 2012.

VIANNA, Fabiano Borba. **O plano de Curitiba 1965-1975: desdobramento de outro moderno brasileiro**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

XAVIER, Alberto. **Arquitetura Moderna em Curitiba**. São Paulo: Pini – Curitiba: FCC, 1985.

ZEIN, Ruth Verde. **A arquitetura da escola paulista brutalista 1953-1973**. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ZEIN, Ruth Verde. **Brutalism Connections: a refreshed approach to debates & buildings**. São Paulo: Altamira, 2014.